26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

MUSEUS ORGÂNICOS: UMA ANÁLISE À LUZ DA MUSEOLOGIA SOCIAL

ORGANIC MUSEUMS: *AN ANALYSIS THROUGH THE LENS OF SOCIAL MUSEOLOGY*

Gracy Kelli Martins – Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Jucieldo Ferreira Alexandre – Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Priscilla Régis Cunha de Queiroz – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os museus orgânicos constituem uma experiência museológica recente que articula patrimônio, saberes tradicionais, cotidiano e território. A pesquisa analisa sua inserção no campo da museologia contemporânea, tomando a museologia social como referencial para compreender suas aproximações e especificidades. Nesse contexto, busca-se responder à seguinte questão: como os museus orgânicos se inserem no campo da museologia contemporânea e quais elementos fundamentam sua compreensão enquanto experiência museológica? O objetivo geral consiste em analisar os museus orgânicos no âmbito da museologia contemporânea, tomando as formulações da museologia social como referencial para essa compreensão. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio da análise de conteúdo e da categorização do *corpus* documental. Os resultados indicam que os museus orgânicos compartilham princípios presentes na Nova Museologia, nos ecomuseus e na museologia social, especialmente no que se refere à valorização dos territórios, das pessoas e dos saberes. Contudo, apresentam-se especificidades relacionadas à permanência dos ofícios, das práticas culturais e dos processos de produção em seus contextos de origem, produzindo a prática museológica no cotidiano, na feitura e na transmissão dos saberes. Conclui-se que os museus orgânicos ampliam as possibilidades de compreensão da prática museológica que se realiza, assim, no próprio cotidiano, acompanhando o saber-fazer em movimento e as dinâmicas culturais que conferem sentido aos modos de vida e aos territórios.
Palavras-chave: museus orgânicos; museologia social; ecomuseus; museus comunitários; saberes tradicionais.

Abstract: Organic museums constitute a recent museological experience that articulates

heritage, traditional knowledge, everyday life, and territory. This study analyzes their place within the field of contemporary museology, using social museology as a framework for understanding their convergences and specificities. In this context, it seeks to answer the following question: how do organic museums fit within the field of contemporary museology, and which elements support their understanding as a museological experience? The general objective is to analyze organic museums in the context of contemporary museology, taking the formulations of social museology as a reference for this understanding. This is a bibliographic study developed through content analysis and corpus categorization. The results indicate that organic museums share principles found in New Museology, ecomuseums, and Social Museology, particularly regarding the valorization of territories, social actors, and knowledge. However, they present specific features related to the continuity of crafts, cultural practices, and production processes within their original contexts, allowing museological practice to take place in everyday life, in making, and in the transmission of knowledge. It is concluded that organic museums broaden the possibilities for understanding museological practice, which is carried out within everyday life itself, accompanying know-how in motion and the cultural dynamics that give meaning to ways of life and territories.
Keywords: organic museums; social museology; ecomuseums; community museums; traditional knowledge.

1 INTRODUÇÃO

As transformações da museologia, desde a segunda metade do Século XX, promoveram o deslocamento de uma centralidade exclusivamente dedicada à conservação de coleções e guarda de objetos museais para contemplação, para abordagens voltadas às dimensões sociais, culturais e comunitárias do museu (Brulon, 2014). Embora a expressão “museus orgânicos” ainda esteja em processo de desenvolvimento conceitual na literatura museológica, sua definição sugere aproximações com perspectivas participativas, territoriais e comunitárias presentes nos ecomuseus/museus comunitários.

Enquanto os ecomuseus se consolidaram no interior das discussões sobre Museologia Social, ao propor uma relação integrada entre patrimônio e comunidade local, os museus orgânicos emergem como experiências marcadas pela valorização das dinâmicas vivas da cultura e atuação comunitária na preservação de memórias e identidades, voltadas às experiências vivenciadas no estado do Ceará.

Ao buscar circunscrever os significados atribuídos à noção de “museus orgânicos”, torna-se necessário compreender os elementos que fundamentam essa denominação, bem como as características que aproximam essas experiências de outras iniciativas museológicas.

Nesse sentido, tomar a museologia social e seu desdobramento acerca dos ecomuseus e museus comunitários como referência analítica constitui um importante recurso teórico-metodológico. Não se trata de pressupor equivalência entre ambas as experiências, mas de

reconhecer que os ecomuseus, assim como os museus comunitários, oferecem uma base conceitual já consolidada que torna possível examinar convergências e distinções em relação à noção de museus orgânicos.

Considerando o emprego dessa expressão neste estudo como uma categoria em construção, é necessário evitar fragilidades epistemológicas decorrentes de associações pouco problematizadas. Para tanto, faz-se necessário analisar não apenas os aspectos compartilhados entre essas experiências museais, mas também os elementos que indiquem especificidades capazes de sustentar a singularidade conceitual dos museus orgânicos no campo da museologia.

Diante desse contexto, a presente pesquisa é orientada pela seguinte questão: como os museus orgânicos se inserem no campo da museologia e quais elementos fundamentam sua compreensão enquanto experiência museológica?

Buscando contribuir para essa discussão, o presente artigo analisa os museus orgânicos no âmbito da museologia contemporânea, tomando definições da museologia social como referencial para essa compreensão. Elencam-se ainda os seguintes objetivos específicos: a) discutir os fundamentos atribuídos aos museus orgânicos; e b) identificar a concepção de museus orgânicos à luz da museologia social.

Para alcançar tais objetivos, realizou-se pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com análise de conteúdo (Bardin, 2011), tomando como referência a literatura especializada sobre museus orgânicos e suas aproximações com a museologia social, os ecomuseus e os museus comunitários. Dada a natureza deste trabalho, seu foco se centra em como a literatura tem situado e conceituado a noção de museu orgânico, sem avançar para a dimensão empírica e os sentidos atribuídos pelos sujeitos envolvidos em tais experiências.

2 A NOVA MUSEOLOGIA E AS EXPERIÊNCIAS DA MUSEOLOGIA SOCIAL

Desde a constituição do Conselho Internacional de Museus (ICOM), os conceitos relacionados ao museu e à museologia têm sido objeto de contínuas revisões teóricas, contribuindo para a ampliação do vocabulário e dos referenciais conceituais do campo. Nesse processo, consolidaram-se discussões em torno de noções como musealização, musealidade e fenômeno museal, evidenciando a complexidade e a diversidade de abordagens que permeiam a museologia (Brown; Mairesse, 2018).

Conforme destacam Desvallées e Mairesse (2013), a museologia pode ser

compreendida desde abordagens centradas no estudo do museu até perspectivas voltadas à reflexão crítica sobre o campo museal e sua função social. Entre essas compreensões, destaca-se a vertente que ficou conhecida como Nova Museologia, consolidada nas décadas de 1970 e 1980, cuja proposta enfatizou a função social dos museus, o caráter interdisciplinar de suas ações e a ampliação das relações entre patrimônio, território e comunidade. Esse movimento contribuiu para o surgimento de experiências museológicas voltadas à participação social e ao protagonismo das comunidades na construção e preservação de suas memórias, abrindo espaço para iniciativas que desafiavam os modelos museológicos convencionais e abriam possibilidades de compreensão do fenômeno museal.

A consolidação da Nova Museologia encontrou um importante marco na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, cujas discussões ampliaram a compreensão do papel social dos museus e reforçaram sua vinculação com as demandas das comunidades e dos territórios. As discussões promovidas pela Mesa de Santiago impulsionaram a formulação do conceito de Museu Integral, concebido como uma instituição comprometida com as necessidades sociais de seu contexto de atuação e pelo reconhecimento do patrimônio como elemento de desenvolvimento cultural (Declaração de Quebec, 1984).

É por meio desse movimento que se delineiam os modelos de ecomuseus e museus comunitários, tendo em vista que "[...] o movimento internacional da Nova Museologia, serviu para dar visibilidade a práticas museais comunitárias e participativas, a formas de desenvolvimento local com base no patrimônio e na ressignificação do território" (Brulon, 2020, p. 18), fundamentados em princípios comuns relacionados à construção coletiva.

A Nova Museologia, em sua constituição, abrigava diferentes denominações, como museologia popular, museologia ativa, ecomuseologia, museologia comunitária, museologia crítica e museologia dialógica. Com o enfraquecimento da expressão Nova Museologia, especialmente desde a década de 1990, fortaleceu-se a museologia social, que passou a incorporar ao campo museológico uma discussão teórico-prática fundamentada no compromisso com questões sociais, produção de conhecimentos de grupos historicamente marginalizados e nos museus como instrumentos de fortalecimento da cidadania e da transformação social (Chagas; Gouveia, 2014).

Na reflexão e na prática da museologia social, os ecomuseus surgem associados às discussões sobre meio ambiente e patrimônio, mas se consolidam como experiências centradas nas relações socioculturais dos territórios. Segundo Bruno Brulon (2015, p. 273),

“[...] Varine elabora um conjunto de proposições de atividades que concretizariam a implantação do ´ecomuseu´ na comunidade, ao qual ele se referiria como “musée éclaté”, um museu espalhado pelo território, integrado aos lugares, aos habitantes e ao patrimônio local.

Mais do que um espaço físico delimitado, o ecomuseu é concebido como um território vivido, no qual o patrimônio é interpretado segundo as experiências e as práticas sociais de seus habitantes. De modo semelhante, os museus comunitários deslocam o foco da instituição para as pessoas e suas vivências cotidianas. Fundamentados na valorização das memórias e identidades locais, esses museus não se vinculam a uma tipologia específica, podendo assumir diferentes formatos organizacionais. Sua principal característica está no protagonismo da comunidade, na definição do que será preservado, representado e compartilhado, ampliando as formas de compreensão do patrimônio e do próprio museu (Brulon, 2015).

Assim, tanto os ecomuseus quanto os museus comunitários podem ser compreendidos como desdobramentos das transformações introduzidas pela Nova Museologia, compartilhando uma filosofia orientada pela participação social, pelo vínculo com o território e pela valorização das experiências coletivas, ainda que assumam configurações distintas em função dos ambientes em que se desenvolvem. Nesse cenário, emergem também os museus orgânicos, experiência museológica que se aproxima dessas configurações por nascer dos modos de vida e das práticas culturais nos territórios, constituindo um campo ainda em construção no âmbito da museologia contemporânea.

3 MUSEUS ORGÂNICOS

A criação e o reconhecimento dos Museus Orgânicos constituem uma iniciativa liderada pelo agente cultural Alemberg Quindins, no Ceará, posteriormente apoiada pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Ceará (Fecomércio-CE), por meio do Serviço Social do Comércio (SESC-CE). A experiência de Quindins e de sua esposa, Rosiane Limaverde (1966-2017), à frente da Fundação Casa Grande, em Nova Olinda, foi o ponto de início do projeto. A instituição abriga o Memorial do Homem Kariri, instalado em uma casa do Século XIX, onde são apresentadas peças arqueológicas e narrativas míticas relacionadas ao passado indígena do sul do Ceará, além de um teatro e um complexo voltado à capacitação de crianças e adolescentes na produção audiovisual. Da Casa Grande, Quindins criou o princípio de museu orgânico, conceito que passou a usar, especialmente desde 2014. Conforme Lopes (2024, p. 8), os museus orgânicos são:

> Expressões identitárias de um povo, hibridando todos os tempos e todas as linguagens das artes e da cultura popular, os museus orgânicos são as portas abertas que conduzem do passado para o futuro a história de um povo, construída e interpretada pelos seus verdadeiros obreiros, oferecendo uma narrativa de interface cultural, de possibilidades amplas e de participação e valorização territorial.

No contexto cearense, os museus orgânicos assumem particularidade ao se constituírem em estreita relação com os territórios e os saberes e fazeres neles produzidos, preservados e transmitidos. Parte dessas experiências está instalada nas próprias residências ou oficinas de mestres e mestras da cultura cearense, convertendo espaços de vida, trabalho e aprendizagem em lugares de memória e de valorização do patrimônio cultural. Essa configuração dialoga com a política dos Tesouros Vivos da Cultura, instituída no Ceará pela Lei nº 13.351/2003 e ampliada pela Lei nº 13.842/2006, que reconhece e registra Mestres e Mestras da Cultura Tradicional Popular em razão de sua atuação na produção, preservação e transmissão de saberes e fazeres culturais (Filho; Neto, 2014). Os detentores desse título recebem, de forma vitalícia, auxílio financeiro correspondente a um salário-mínimo mensal. Nesse contexto, os museus orgânicos ampliam as possibilidades de salvaguarda desse patrimônio ao incorporar os espaços de vida e trabalho dos mestres e mestras como lugares de memória, valorização e difusão de seus saberes e fazeres.

Atualmente, o site da Fecomércio-CE/SESC (2026, *on-line*) registra 30 museus orgânicos, cujas experiências apresentam características e configurações bastante distintas. Na cidade de Potengi, por exemplo, foram criados três museus: o Museu Orgânico Casa dos Pássaros, criado em 2019, espaço dedicado à observação e fotografia de pássaros da fauna sertaneja; o Museu Oficina do Mestre Françuli, de 2018, um artista que, encantado pela aviação, desenvolveu de forma autodidata a capacidade de fazer aviões de flandre; e o Museu Casa do Mestre Antonio Luiz, também de 2018, montado no sítio onde habita um dos mais importantes brincantes de Reisado do Cariri. Portanto, uma mesma cidade pode possuir três museus orgânicos com identidades próprias, dedicados, respectivamente, a questões ambientais, a um modo de fazer e a uma forma de expressão cultural.

O Museu Oficina do Mestre Françuli constitui, nesse sentido, um caso relevante para a compreensão das dinâmicas e dos desafios relacionados aos museus orgânicos. Criado originalmente em Potengi, o museu, atualmente, está instalado em outra cidade. Sendo octogenário, Mestre Françuli decidiu deixar Potengi, cidade natal, para morar na cidade do Crato. Pesou na decisão o fato desta última cidade oferecer melhores serviços de saúde, além da proximidade com familiares que nela residem. Dessa forma, ao se mudar para o Crato,

Françuli levou junto seus saberes, oficina e museu, pois este último não se resume a um espaço fixo, estando atrelado ao corpo e à vida do mestre (Fecomércio-CE, 2026, *on-line*).

Além de contribuírem para a valorização e a salvaguarda dos patrimônios culturais locais, os museus orgânicos também promovem o Turismo de Base Comunitária. Ao aproximarem visitantes de mestras e mestres da cultura, ofícios tradicionais e modos de vida, ampliam a visibilidade de saberes e práticas culturais, favorecendo a difusão das memórias e identidades locais. Esse processo fortalece a economia por meio da comercialização de produtos artesanais, obras e manifestações artísticas e outros bens culturais vinculados às experiências museológicas. Assim, articula-se preservação, valorização cultural e desenvolvimento sustentável, reforçando a importância de iniciativas comunitárias transformadoras (Rabinovici; Allis; Santos, 2023).

Entre as experiências reconhecidas como museus orgânicos, destaca-se, como exemplo, o Museu do Ciclo do Couro – Memorial Espedito Seleiro, localizado em Nova Olinda (CE). Foi o primeiro espaço a receber do SESC a denominação de museu orgânico, constituindo uma referência para a compreensão dessa concepção no contexto cearense. Inaugurado em 19 de dezembro de 2014 (Quindins, 2024, p. 24), o espaço é dedicado ao mestre Espedito Seleiro, reconhecido nacional e internacionalmente pelos trabalhos com couro. Da sua oficina saem sandálias, bolsas, móveis, gibões, selas, chapéus, jaquetas e outros produtos, marcados pelo grafismo popularmente associado aos vaqueiros sertanejos, com arabescos, mas transformados em peça de arte pelo mestre, que inovou na aplicação do couro colorido, criando estética própria (Dodt, 2016).

O sucesso artístico e comercial de Mestre Espedito Seleiro, aliado aos investimentos governamentais, faz do Museu do Ciclo do Couro uma das experiências mais consolidadas entre os museus orgânicos do Cariri, reunindo espaço expositivo, oficina de produção e ponto de comercialização. Situação semelhante pode ser observada em espaços vinculados a saberes produtivos, como a Casa dos Doces João Martins, em Juazeiro do Norte, onde a visitação tende a potencializar a venda tradicional de doces caseiros e a geração de renda para seus detentores. Nesses casos, a chancela institucional conferida pelo SESC amplia a visibilidade dos espaços e fortalece sua inserção em circuitos turísticos e de consumo cultural.

Entretanto, os impactos econômicos dessa política não se distribuem de maneira homogênea entre todos os museus orgânicos. Quando o espaço está associado a formas de expressão cultural cuja materialidade não se converte facilmente em mercadoria, como, por

exemplo, ocorre no Museu do Mestre Nena, reconhecido por sua atuação como bacamarteiro em Juazeiro do Norte, as possibilidades de retorno financeiro são significativamente mais limitadas. Embora a chancela contribua para o reconhecimento social, a preservação da memória e a valorização simbólica do mestre, ela não necessariamente se traduz em geração de renda direta. Tal cenário pode ser observado na descrição e na constituição dos Museus Orgânicos apresentada no site de registro da Fecomércio-CE, que evidencia a diversidade de patrimônios contemplados pela iniciativa. Essa diversidade também permite identificar uma assimetria entre as experiências, uma vez que os ofícios produtivos tendem a usufruir mais intensamente dos benefícios econômicos associados ao turismo cultural do que manifestações cuja principal riqueza reside em seus valores históricos, identitários e simbólicos (Fecomércio-CE, 2026, *on-line*).

Essa característica suscita reflexões acerca da própria natureza dos museus orgânicos enquanto categoria museológica. Embora o conceito remeta a uma relação indissociável entre o patrimônio, seu detentor e o território em que está inserido, a experiência do Cariri revela que esses espaços não emergem exclusivamente de iniciativas individuais ou coletivas dos mestres da cultura. Sua identificação, reconhecimento e promoção são impulsionados pelo Sistema Fecomércio/SESC, que assumiu a ampliação e a implementação dos projetos.

Nesse sentido, Brulon (2014), ao discutir os mitos associados aos ecomuseus, demonstra que a permanência do patrimônio em seu território e a participação dos sujeitos não significam, necessariamente, ausência de institucionalização. Essa reflexão contribui para analisar os museus orgânicos, considerando que sua vinculação aos espaços de vida e aos detentores dos saberes não os isenta de processos de reconhecimento, legitimação e organização institucional que participam de sua constituição como experiência museológica. Para o autor, é necessário compreender os museus conforme as relações sociais, políticas e institucionais que possibilitam sua existência. Sob essa ótica, os museus orgânicos podem ser compreendidos como uma categoria em construção, cuja especificidade não reside apenas na vinculação entre patrimônio, território e mestras e mestres da cultura, mas também nas articulações estabelecidas entre essas pessoas e as instituições que promovem sua patrimonialização e reconhecimento.

Tal aspecto não compromete a contribuição dos museus orgânicos para a preservação dos patrimônios culturais e a valorização dos saberes tradicionais. A discussão sobre os processos de institucionalização constitui objeto de outra pesquisa, atualmente em

desenvolvimento, cujos resultados serão divulgados posteriormente, especialmente no que se refere às dinâmicas que constituem essas experiências e à gestão desses espaços.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, tendo como procedimento metodológico a análise de conteúdo, por meio das unidades de registro e sentido (Bardin, 2011). O levantamento bibliográfico, realizado entre maio e setembro de 2026, foi conduzido de forma progressiva em diferentes bases e fontes de informação, com o propósito de identificar produções que abordassem os museus orgânicos e as articulações estabelecidas entre essa experiência, a Museologia Social, os ecomuseus e os museus comunitários.

Inicialmente, foram realizadas buscas na *Web of Science (WoS)*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), utilizando a expressão exata [museu orgânico], em suas formas singular, plural e variações linguísticas em espanhol e inglês, seguida de combinações com [museologia social], [ecomuseus] e [museus comunitários]. Diante da ausência de publicações pertinentes ao objeto, o levantamento foi ampliado para o Portal de Periódicos CAPES, mediante acesso institucional via Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), mantendo-se as estratégias de busca. Sem obter resultados, realizou-se uma busca na base Google Scholar, utilizando os termos, suas variações linguísticas e as combinações de busca das etapas anteriores. Somente nessa etapa foram identificadas produções acadêmicas diretamente relacionadas aos museus orgânicos, incluindo artigos e trabalhos publicados em eventos científicos.

Diante da extensa revocação, para o refinamento dos resultados, foram aplicados os seguintes critérios de seleção: a) textos que abordassem conceitualmente os museus orgânicos; b) publicações que estabelecessem articulações entre os museus orgânicos e a museologia social, ecomuseus e/ou museus comunitários, contribuindo para a compreensão do objeto; e c) textos disponíveis integralmente para consulta. Não foi estabelecido recorte temporal, considerando a reduzida produção acadêmica dedicada aos museus orgânicos e a discussão sobre sua definição no âmbito da museologia.

Após o levantamento, os resultados recuperados foram examinados quanto à pertinência temática. Foram excluídas duplicidades, ocorrências em que os textos recuperados não correspondiam à experiência museológica investigada e publicações que

apenas traziam menção lateral, sem relação com os objetivos propostos na pesquisa. Os cinco artigos e um resumo que apresentaram os museus orgânicos como objeto central constituíram o *corpus* principal e foram submetidos à leitura integral (Quadro 1).

Quadro 1 - *Corpus* da pesquisa

Material bibliográfico	Ano
BARBOSA, Fabiana Pereira. Os museus orgânicos da cultura na chapada do Araripe. *In*: SILVA, Josier Ferreira da; OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de; PEREIRA, Cássio Expedito Galdino; COSTA, Ana Paula Rodrigues da (coords.). **Patrimônio e práticas culturais**: perspectivas transdisciplinares da patrimonialização e dos saberes-fazeres populares. Fortaleza: Editora DINCE, 2021. p. 251-268. Disponível em: https://mapacultural.caninde.ce.gov.br/files/agent/143599/cap-livro-fabiana-p-barbosa-museus-organicos-da-cultura.pdf.	2021
GONÇALVES, Naudiney de Castro. Os Museus Orgânicos do Cariri cearense na Paisagem Cultural da Chapada do Araripe. **História e Culturas**, [*s. l.*], v. 11, n. 19, 2023. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/download/15825/14717.	2023
RABINOVICI, Andrea; ALLIS, Thiago; SANTOS, Júnior dos. "E vai prestar este museu lá em casa?" Reflexões sobre a experiência dos Museus Orgânicos na Chapada do Araripe, CE. **CULTUR** - Revista de Cultura e Turismo, [*s. l.*], v. 17, n. 2, 2023. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003178944.	2023
SILVA, Expedito Hugo Carvalho da; SARAIVA, Lícya Ferreira; GUEDES, Ana Violeta Suassuna; FREIRE, Giovanna Garcêz. Os museus orgânicos como instrumento de preservação cultural no Cariri cearense. *In*: ARQUIMEMÓRIA 6: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO, 6., 2024, Salvador. **Anais** [...]**.** Salvador: SENAI CIMATEC, 2024. Disponível em: https://static.even3.com/anais/931842.pdf.	2024
BARBOSA, Fabiana Pereira; PINHEIRO, Áurea da Paz. Os museus comunitários e os museus orgânicos: o que são e suas contribuições para a museologia social. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA (SEBRAMUS) - MUSEUS, MUSEOLOGIAS E INSERÇÃO SOCIAL, 6., 2025, Teresina. **Anais** [...]. Teresina: Educar Artes e Ofícios, 2025. GT8 - Ecomuseus e Museus Comunitários, p. 250. Disponível em: https://acervo-museu-do-amanha.s3.sa-east-1.amazonaws.com/3f6994480aabb4a248e32714ed2295b2.pdf.	2025
BRITO, Adriana de Sá Leite de; CAVALCANTE, Tiago Vieira. Narrativas da Chapada do Araripe: Museus Orgânicos como (i)materialidades culturais e dispositivos de memória viva. **International Journal Semiarid,** [*s. l.*], v. 9, n. 3, p. 151-174, 2026. Disponível em: https://journalsemiarid.com/index.php/ijsa/en/article/view/651/607.	2026

Fonte: elaboração própria (2026).

A análise foi realizada por meio das técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 2011), iniciada com a leitura flutuante para identificar as unidades de registro e significação, com

foco nas definições; em seguida, realizou-se a exploração do material. Com esse processo, foram identificadas categorias temáticas recorrentes no *corpus*: território, comunidade, memória, patrimônio e participação social. Essas categorias constituíram unidades de sentido para a interpretação dos dados, possibilitando identificar aproximações, distanciamentos e especificidades presentes no material bibliográfico examinado.

A interpretação do *corpus* foi sistematizada em um quadro analítico, buscando compreender em que medida os museus orgânicos dialogam com os princípios da museologia social e se posicionam no campo das experiências museológicas contemporâneas. As definições de museologia social, ecomuseus e museus comunitários foram mobilizadas como referenciais para a análise, especialmente nos textos que estabelecem articulações entre essas concepções e os museus orgânicos.

5 O CONCEITO DE MUSEU ORGÂNICO PARA A MUSEOLOGIA

A compreensão dos museus orgânicos passa pela análise dos significados associados à própria denominação e de suas aproximações com o campo da Museologia. Inicialmente, é preciso reconhecer a reduzida ocorrência da expressão “museus orgânicos” na produção científica, o que evidencia a necessidade de delimitar os sentidos atribuídos ao termo “orgânico” nesse contexto. Em uma primeira aproximação, a expressão pode remeter à ideia de espontaneidade, crescimento natural ou mesmo a significados provenientes de outros campos do conhecimento, como a Biologia. Contudo, quando associada a museus, a noção de organicidade parece se afastar da ideia de surgimento espontâneo para enfatizar uma relação dinâmica com o cotidiano, os saberes, as práticas e as experiências que se constituem continuamente nos territórios em que esses museus estão inseridos.

Essa definição apresenta estreita aproximação com os princípios que orientam a museologia social, especialmente quando se considera o processo de transformação da concepção de museu e sua relação com os sujeitos e os territórios, expressos pelos modelos de ecomuseus e museus comunitários. Nesse sentido, Barbuy (1995) recupera a definição de Bellaigue (1989), para quem quatro elementos são constitutivos dos ecomuseus: o território, a população, compreendida como agente, o tempo e o patrimônio. A autora acrescenta que, ao se falar em patrimônio, considera-se uma concepção ampliada, que compreende “tanto as paisagens, sítios, edificações, como os objetos que são portadores de história ou de memória” (Barbuy, 1995, p. 211 *apud* Bellaigue, 1989, p. 75).

Alinhado a essas discussões, Varine (2014) compreende o museu comunitário como um processo em permanente transformação, destacando que:

> Como o próprio desenvolvimento, o museu de comunidade é mais bem descrito como um processo. Ele certamente não é uma instituição ou uma estrutura acabada. É um ser vivo, como a própria comunidade, em constante movimento para se adaptar às mudanças que acontecem nela e em seu ambiente, seja ele regional, nacional ou global. É por isso que ele não pode ser trancado num edifício, restrito a uma coleção e uma exposição ou administrado por profissionais competentes sem conexão ou comunicação com a comunidade (Varine, 2014, p. 28-29).

As contribuições de Barbuy (1995), Bellaigue (1989) e Varine (2014) permitem identificar elementos recorrentes na Museologia Social, como a relação entre museu e território, a centralidade dos sujeitos, a compreensão ampliada do patrimônio, a valorização das memórias e saberes e a participação social. Esses elementos também podem ser observados na concepção dos museus orgânicos. Nos espaços que integram a Rede de Museus Orgânicos, a Fecomércio-CE destaca que "[...] objetos pessoais, fotografias, vestimentas, instrumentos e tudo que marca o dia a dia e consolida as manifestações tradicionais são algumas das características presentes nesses locais" (Fecomércio-CE, 2026, *on-line*).

Esses objetos não apenas compõem exposições, mas permanecem inseridos em contextos de uso e nas práticas cotidianas das curadoras e dos curadores artesãos, mantendo seu valor de uso e, simultaneamente, adquirindo dimensões educativas, culturais e patrimoniais. Segundo a Fecomércio, tais objetos expressam "[...] a conexão entre os mestres e seus ofícios", transformando esses espaços em "[...] verdadeiros santuários culturais, onde os saberes e experiências se misturam" (Fecomércio-CE, 2026, *on-line*).

Essas características contribuem para a identificação de uma experiência museológica como "orgânica". Assim, o museu não se apresenta como uma instituição isolada da realidade social, mas como uma estrutura integrada à vida cultural e cotidiana em que se insere. O caso do Museu Oficina do Mestre Françuli evidencia essa condição movente, na medida em que sua constituição não se encerra em uma estrutura institucional acabada, mas acompanha os modos de fazer, os saberes, as relações e as transformações que atravessam essa experiência museológica. Essa perspectiva insere os museus orgânicos no âmbito da museologia social, ao enfatizar os vínculos sociais, a territorialidade e os processos vivos de produção e compartilhamento da memória (Soares; Scheiner, 2009). Nesses espaços, a prática museológica se realiza no próprio cotidiano, acompanhando a produção e a transmissão dos saberes que constituem o patrimônio. Ao mesmo tempo, apresentam-se elementos que ainda

demandam maior aprofundamento teórico, ampliando as possibilidades de reflexão sobre as relações entre prática museológica e modos de fazer.

> Vale ressaltar que os Museus Orgânicos, à luz da ideia de organicidade, são por concepção, um trabalho em evolução contínua, dinâmica e interativa. Ambientes de convivência espontânea, eles possibilitam que a experiência vivenciada se renove a cada local de vida e criação. A dinâmica da aproximação entre o objeto em exposição e espaços – terreiro, oficina, morada –, ocorre mediada pelos habitantes, possibilitando ao visitante o sentimento de não ser mero espectador, mas parte da existência dos criadores (Barbosa, 2021, p. 254).

Lopes (2024) informa que, para um espaço ser reconhecido como museu orgânico, são necessárias algumas características essenciais, como inserção na comunidade, valorização do patrimônio, constituição como espaço dinâmico e vivo, participação ativa da população e sustentabilidade cultural e social. Sob essa definição, os museus orgânicos não estabelecem uma separação rígida entre vida social, instituição e prática museológica. O cotidiano não aparece apenas em exposições ou representações do outro, institucionalizado e submetido aos processos tradicionais de musealização. Ao contrário, o cotidiano constitui o próprio museu. Sua cadência, seus ritmos e dinâmicas moldam escolhas, narrativas e práticas museológicas, sempre em movimento.

A obra de Michel de Certeau, “A invenção do Cotidiano”, oferece contribuições para a compreensão dos museus orgânicos ao conceber o cotidiano como um espaço de produção cultural. Ao discutir os “modos de fazer” e as práticas espaciais, Certeau (1998) demonstra que os espaços são continuamente produzidos pelas ações cotidianas das pessoas. O território, portanto, não constitui um cenário fixo, mas uma experiência social em permanente movimento. Assim, o museu deixa de ser um espaço especializado e que reflete a vida social para funcionar como uma extensão das práticas ordinárias dos grupos que o sustentam e lhe atribuem significado (Certeau, 1998).

Instalados, em grande medida, em casas e oficinas, constituem-se como espaço do habitar, em que patrimônio, cotidiano e modos de vida se entrelaçam. Nessa direção, cabe destacar que “[...] a própria idéia de ecomuseu - modelo que inspirou toda uma nova forma de se pensar os museus no âmbito deste movimento - nos leva a pensar sobre o Museu como um espaço do habitar” (Soares, Scheiner, 2009 p.01). Nessa concepção, a organicidade do museu está relacionada à sua inserção nas dinâmicas cotidianas de fazer e viver. A casa continua sendo habitada, a oficina permanece como espaço de produção e os objetos mantêm seus usos, ao mesmo tempo em que adquirem valor patrimonial.

Tal aspecto suscita uma questão relevante: a organicidade desses museus decorre da vinculação à Rede ou constitui uma característica presente nos modos de vida e saberes que lhes dão origem? As experiências observadas sugerem que essa organicidade está relacionada ao fazer cotidiano das mestras/mestres e artesã/artesãos. Sob essa análise, a atuação da Fecomércio parece menos associada à criação dessa condição e mais ao seu reconhecimento e enquadramento sob a denominação de "museu orgânico". Certeau (1998) contribui para compreender essa distinção. Embora a Fecomércio desempenhe um papel relevante na articulação e no reconhecimento institucional dessas experiências, a condição orgânica dos museus se origina das práticas que lhes dão sustentação, expressas nos modos de fazer, na transmissão dos saberes e na permanência dos ofícios.

Segundo Brulon (2014), Hugues de Varine não define o ecomuseu como uma tipologia rígida. Pelo contrário, afirma que suas formas podem variar, desde que compartilhem um mesmo princípio: a renovação do museu como instrumento a serviço da sociedade, do território e do desenvolvimento humano. Essa compreensão se mostra relevante para pensar os museus orgânicos, evitando seu enquadramento em categorias pré-definidas e privilegiando a análise das práticas e relações que os constituem. Nessa direção, Brulon (2014, 2015) argumenta que o museu comunitário, por exemplo, independe de modelos previamente estabelecidos, podendo assumir diferentes configurações, desde que seja concebido no seio da própria comunidade e esteja voltado às suas vivências. Tal entendimento reforça a possibilidade de compreender os museus orgânicos segundo suas especificidades, sem precisar vinculá-los a uma tipologia museológica preexistente.

Para confirmação dessas relações, com base no *corpus* analisado, destacam-se sínteses das definições de museus orgânicos identificadas na literatura (Quadro 2). O conjunto analisado evidencia uma produção recente, ainda restrita, sobre a temática. Entretanto, em todas as publicações, os museus orgânicos são compreendidos em diálogo com os princípios da museologia social, enquanto parte dos estudos também estabelece aproximações e distinções com os ecomuseus e os museus comunitários. Esse movimento indica que sua compreensão vem sendo construída em interlocução com experiências museológicas de caráter social e territorial já consolidadas no campo e se insere no âmbito conceitual da museologia social, constituindo outra possibilidade de pensar os espaços museológicos.

Quadro 2 - Definições de Museu Orgânico

Autoria/ano	Síntese da definição
Barbosa (2021)	Histórias de vida dos mestres; comunidades; patrimônio material e imaterial; memórias vivas; vínculos comunitários; territórios criativos; organicidade, dinamismo e interação.
Gonçalves (2023)	Manifestações da cultura popular; território de vida dos mestres; detentores de saberes tradicionais; oralidade; práticas cotidianas; interação com o público.
Rabinovici; Allis; Santos (2023)	Enraizamento comunitário; valorização das trajetórias dos mestres; sustentabilidade; interação entre habitantes, visitantes e espaço; experiência vivida; organicidade.
Silva; Saraiva; Guedes; Freire (2024)	Mestres de cultura; cultura popular; espaço vivo; histórias e saberes; memória; casa e oficina; transmissão intergeracional; valorização cultural.
Barbosa; Pinheiro (2025)	Espaços e práticas culturais preexistentes; saberes estabelecidos; contextos culturais; preservação do patrimônio cultural; integração ao modo de vida.
Brito; Cavalcante (2026)	Base comunitária; memória viva; transmissão intergeracional; territórios criativos; patrimônio vivo; saberes populares; espaço privado ressignificado.

Fonte: elaboração própria (2026).

A síntese das definições analisadas evidencia a presença de categorias já identificadas na discussão sobre museologia social, especialmente **território, comunidade, memória, patrimônio e participação social**. Nos museus orgânicos, contudo, esses elementos assumem configurações próprias, articulando-se à presença dos mestres e mestras da cultura, aos seus modos de vida e aos espaços onde os saberes são produzidos, preservados e transmitidos.

Essa condição torna tais experiências, ao mesmo tempo, oscilantes, vulneráveis e promissoras. Por se constituírem em permanente diálogo com as pessoas e os territórios, permitem que memórias, saberes, conflitos, experiências e dinâmicas sociais sejam continuamente incorporados à prática museológica. Além disso, os objetos permanecem inseridos em seus contextos de uso, enquanto a gestão dos espaços é conduzida pelas próprias mestras e mestres da cultura, repercutindo as transformações do cotidiano diretamente sobre as formas de preservar, transmitir e significar o patrimônio.

Nesse sentido, as definições analisadas permitem compreender os museus orgânicos como experiências museológicas que compartilham princípios da museologia social, mas os articulam a uma forma específica de relação entre sujeitos, saberes, patrimônio e território. Essa síntese oferece, portanto, a base para compreender sua inserção no campo museológico e suas especificidades em relação a outras experiências de caráter social e territorial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora compartilhem características com o modelo dos ecomuseus e museus comunitários, os museus orgânicos apresentam especificidades que apontam para a construção de uma caracterização própria no campo museológico. O museu orgânico pode ser compreendido menos como uma instituição estabilizada e mais como uma prática museológica em permanente construção. As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo indicam que sua organicidade está associada à continuidade das práticas culturais em seus contextos de produção, à presença ativa dos detentores dos saberes e à estreita articulação entre patrimônio e vida cotidiana.

Diante desse contexto, os museus orgânicos se somam às experiências já idealizadas pela Nova Museologia e conceitualmente estabelecidas na museologia social, ampliando as possibilidades de pensar práticas museológicas comprometidas com a transformação social. Ao mesmo tempo, faz-se necessário refletir sobre a participação comunitária. A organicidade do museu pode ser tensionada quando a comunidade passa a ser incorporada apenas como elemento de legitimação simbólica, sem influência efetiva sobre as narrativas, as práticas ou as decisões institucionais. Cabe destacar que a compreensão dessas tensões já integra investigações em desenvolvimento, voltadas a analisar sua manifestação nos museus orgânicos, especialmente onde o cotidiano de artesãs e artesãos se articula aos processos de reconhecimento e institucionalização promovidos pela Fecomércio.

O termo “orgânico” remete a estruturas mutáveis, abertas e processuais, cuja compreensão pode ser ampliada pela incorporação de demandas sociais e por formas participativas de gestão e produção de conhecimento. Permanecem, contudo, questões a serem aprofundadas quanto à construção das narrativas, aos processos decisórios sobre os acervos e ao papel da Museologia na gestão, proteção e continuidade dessas experiências.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fabiana Pereira. Os museus orgânicos da cultura na Chapada do Araripe. *In*: GONÇALVES, Naudiney de Castro; SILVA, Josier Ferreira da; OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de; PEREIRA, Carlos Eduardo Gonçalves *et al*. **Patrimônio e práticas culturais**: Perspectivas transdisciplinares da patrimonialização e dos saberes-fazeres populares. 1. ed. Fortaleza: Editoras DINCE, 2021. 344p. Disponível em: https://mapacultural.caninde.ce.gov.br/files/agent/143599/cap-livro-fabiana-p-barbosa-museus-organicos-da-cultura.pdf. Acesso em: 10 set. 2026.

BARBUY, Heloisa**.** A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 209-230, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-47141995000100019. Acesso em: 10 set. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLAIGUE, Mathilde. Georges Henri Riviere et Ia genese de l'écomusée de Ia Communauté Le Creusot-Montceau-les-Mines. *In*: **LA MUSEOLOGIE** selon Georges Henri Riviere. Paris: Bordas/ Dunod, 1989. p. 164-165.

BROWN, Karen; MAIRESSE, François. The definition of the museum through its sociais role. **Curator**: The Museum Journal, Hoboken, v. 61, n. 4, p. 525-539, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1111/cura.12276. Acesso em: 2 jun. 2026.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 28, e1, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1. Acesso em: 2 jun. 2026.

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines e a prática da museologia experimental. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 267-295, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267. Acesso em: 22 jun. 2026.

BRULON, Bruno. Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. **Musas**, [*s. l*], n. 6, p. 28-45, 2014. p. 30-37. Disponível em: https://www.academia.edu/11130355/Os_mitos_do_ecomuseu_entre_a_representa%C3%A7%C3%A3o_e_a_realidade_dos_museus_comunit%C3%A1rios. Acesso em: 22 jun. 2026.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1:** Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 47, n. 3, p. 7-22, 2014. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592. Acesso em: 12 jun. 2026.

FILHO, Francisco Humberto Cunha; NETO, José Olímpio Ferreira. Tesouros Humanos Vivos: os mestres da cultura cearense. *In*: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (orgs.). **Cultura, políticas e identidades**: Ceará em Perspectiva. v. 1. Fortaleza: IPHAN, 2014, p. 157-179. Disponível em: https://rededememoria.bn.gov.br/redeMemoria/handle/20.500.12156.2/310759. Acesso em: 12 jun. 2026.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC, PRINCÍPIOS DE BASE DE UMA NOVA MUSEOLOGIA. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 15, n. 15, p. 223-225, 1999. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/pt/article/view/342. Acesso em: 2 jun. 2026.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2022/02/Conceitos-Chave_POR_BR.pdf. Acesso em: 2 jun. 2026.

DODT, Liana Cristina Vilar. **Espedito Seleiro**: Tradição e Ofício de um Artesão Cearense. 2016. 116f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18965. Acesso em: 17 mai. 2026.

FECOMÉRCIO-CE. **Museus Orgânicos:** espaços vivos de memória, cultura e identidade. 2026. Disponível em: https://www.fecomercio-ce.com.br/sescce/museus-organicos/. Acesso em: 12 jun. 2026.

LOPES, Maria da Conceição. Museus Orgânicos. *In*: QUINDINS, Alemberg (org.). **Museus Orgânicos**. Fortaleza: SESC-CE, 2024. v. 2, p. 8-11. Disponível em: https://www.sesc-ce.com.br/wp-content/uploads/2021/09/Livro_Museus-Organicos.pdf. Acesso em: 12 jun. 2026.

QUINDINS, Alemberg (org.). **Museus Orgânicos**. Fortaleza: SESC-CE, 2024.

RABINOVICI, Andrea; ALLIS, Thiago; SANTOS, Júnior dos. "E vai prestar este museu lá em casa?": reflexões sobre a experiência dos museus orgânicos na Chapada do Araripe, CE. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, v. 17, n. 2, p. 1-31, nov. 2023. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003178944. Acesso em: 13 jun. 2026.

SOARES, Bruno César Brulon; SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 2469-2489. Disponível em: https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/12/a-ascensc3a3o-dos-museus-comunitc3a1rios.pdf. Acesso em: 13 jun. 2026.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário como processo continuado. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 25-35, 2014. Edição temática: Museologia Social. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2595/1495. Acesso em: 10 set. 2026.